OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 369

21 DE MARÇO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Fallei ha dias aqui d'uma peça original do sr. Joaquim Miranda, *A Culpa dos Paes*, com que este distincto escriptor, fez a sua estreia theatral no palco do Principe Real, e já hoje, mercê da actividade de bom agouro de que o novel dramaturgo faz prova, temos que fallar d'outra producção original do mesmo escriptor.

Agora é no theatro de D. Maria que o sr. Joaquim Miranda nos apparece e muito naturalmente n'um genero muito differente d'aquelle com que se estreiára no Principe Real.

A sua primeira peça era um drama intimo mas carregado a valer nos ultimos actos com um desfecho sinistro de tragedia; a sua segunda peça é uma singela comedia n'um acto, ligeira, graciosa, escripta a sorrir e a sorrir ouvida.

Chama-se essa peçasinha com que o sr. Joaquim Miranda abordou a nossa primeira scena — *O Beijo de Fausto*; passa-se apenas entre quatro personagens, representa-se em vinte minutos, quasi que não tem enredo, pode dizer-se mesmo que não tem nem logica nem verosimilhança, mas em compensação tem espirito, tem graça, tem bom humor, e estas tres qualidades remiram-n'a de todos os peccados, e se não lhe deram gloria eterna — uma sorte grande de que raros se podem gabar — deram-lhe os applausos de muitas noites, e as gargalhadas expontaneas e alegres do publico, que eram o alvo unico a que o auctor mirava.

E damos por isso os parabens a Joaquim Miranda.

Quiz fazer uma comedia jovial e fel-a: procurou os sorrisos do publico e encontrou-os; e no theatro como na vida conseguir o que se deseja é tudo o que ha de mais difficil.

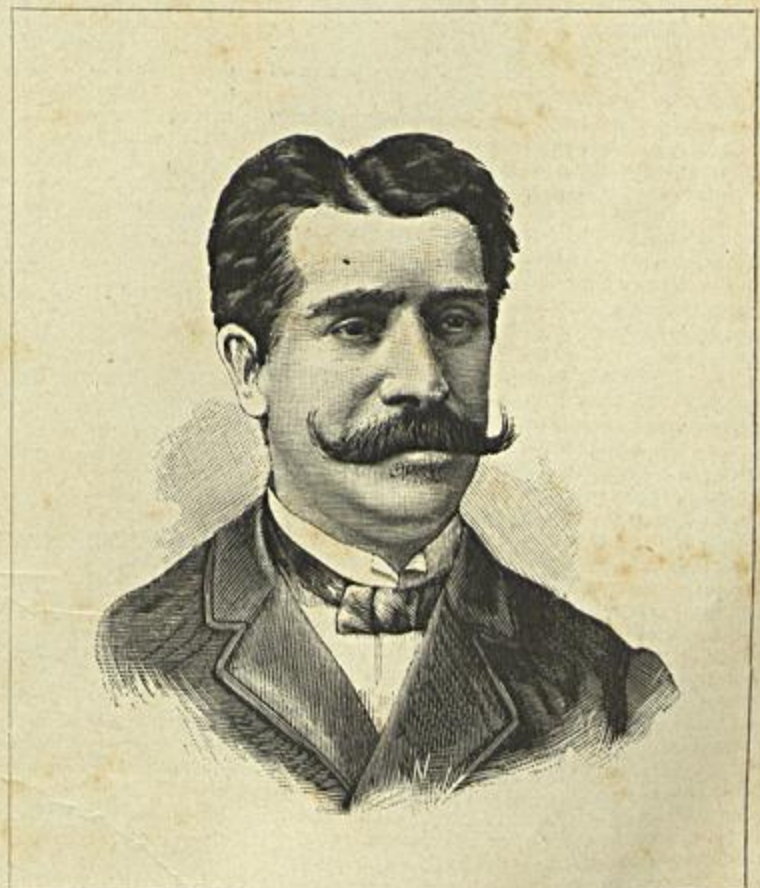
Temos visto muitas peças feitas para fazer chorar, que só conseguem fazer rir; tenho visto peças escriptas para fazer rir que só conseguem fazer somno, tenho visto ainda peças preparadas expressamente para fazer pensar os espectadores e que effectivamente os fazem pensar... em se ir embora!

O *Beijo de Fausto* é uma phantasia llteraria pensada e escripta n'um momento de bom humor, sem pretenções de grande arte nem preoccupações de severa critica.

A severa critica não tem nada que vêr com aquella comedia folgazã que desarma pela gargalhada os mais austeros juizes. Tudo o que esses juizes diriam ácerca do *Beijo do Fausto* a Joaquim Miranda, está farto de o saber elle, que tambem já muitas vezes tem vestido a toga de magistrado, e antes de ser julgado tem sido julgador.

OS NOVOS MINISTROS

DR. EDUARDO JOSÉ COELHO

MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS (Segundo uma photographia)

FREDERICO RESSANO GARCIA

MINISTRO DA MARINHA E ULTRAMAR (Segundo uma photographia)

Como vem parar áquelle pacato quintalinho burguez, que illuminado pelo luar parece o jardim de Gretchen, aquelles dois esturdios que, apesar d'um vir entre as dez e as onze, vem ambos fóra d'horas? Como é que o dono da casa tendo a certeza de que no quintal estão ladrões, e vendo que a sua gentil noiva está com muito medo, vae valentemente chamar a visinhança para accudir aos ladrões, levando comsigo a chave da porta e deixando sua mulher sosinha em casa com esses ladrões contra os quaes elle não se atreve a investir sosinho?

Como é que exactamente dos dois esturdios, aquelle que está em seu juizo, aquelle que durante todo o acto está a querer sahir d'ali com o seu amigo, o do grão na aza, que o enche de bons e sensatos conselhos, se presta no fim da peça á mais disparatada das loucuras, a mascarar-se de Mephistopheles n'um jardim alheio, e a vir cantar serenatas para debaixo das janellas, para que o seu amigo embriagado represente a scena do Fausto e Margarida com uma mulher que elle não conhece, unicamente para satisfazer uma fanfarronada de mau vinho?

A estas interrogações e a todas as mais que se façam responde Joaquim Miranda triumphantemente com as gargalhadas unisonas e permanentes dos espectadores: elle fez essa *bluette* para o publico rir, o publico ri está ganha a batalha, está alcançado o fim a que se propunha.

E se a logica e a verosimilhança nem sempre são muito bem tratadas n'esse pequenino acto, a linguagem em compensação é tratada esplendidamente, e n'essas scenas graciosas e alegres, paira um bom perfume litterario, ha uma *verve* de bom quilate, ha mesmo algumas delicadas perolas, artisticas, como a lenda do ultimo beijo de Fausto, que a formosa actriz Amelia da Silveira diz deliciosamente.

E para ser feliz em tudo, Joaquim Miranda até foi feliz no desempenho, que a sua graciosa comedia teve em D. Maria.

Amelia da Silveira representa-a excellentemente, Ferreira da Silva magnifico em todo o papel, é deveras magistral na scena da embriaguez — a sua scena d'entrada, Pinheiro, faz com muita graça, e com muito boa linha artistica o seu papel, Eugenio de Magalhães, faz distinctamente o pouco que tem que fazer.

E agora a proposito do *Beijo do Fausto*, a proposito do original do sr. Joaquim Miranda vinha mesmo a talho de fouce cumprir a promessa que ha semanas fiz n'uma das minhas chronicas, e encabeçar já aqui as minhas considerações ácerca do concurso do theatro de D. Maria, e dos alvitres apresentados tanto pelo fiscal do governo junto do theatro, o meu velho amigo, illustre auctor dramatico o sr. Sousa e Vasconcellos, como por mais collegas meus da imprensa diaria.

Não faço porém isso por dois motivos: primeiro porque este assumpto apesar de ser de grande interesse para o nosso paiz, para a litteratura e para a arte portugueza, poderia cançar aquelles dos meus leitores e hão de ser muitos decerto, que alheios a coisas theatraes se fatigam com uma chronica em que se não fala senão em theatros, e segundo, porque estou adoentado, exquisito, prezo em casa por uma doença impertinente e francamente não é das coisas mais divertidas nem mais sadias tratar d'estas questões de theatro n'uma terra em que tão pouco se olha para isso e em que o tomar parte na cruzada a favor das reformas theatraes se parece muito com o pregar no deserto.

E por tudo isto em vez das reformas a fazer no theatro de D. Maria, que peço licença para deixar para outra occasião em que tenha mais saude em mim e menos theatro na chronica, vou fallar-lhes d'outro espectaculo publico tambem, mas espectaculo de natureza muito diversa — do jejuador Succi.

E não é só o espectaculo que é de natureza mui diversa, elle proprio Succi, parece ser tambem de natureza mui diversa da natureza humana.

Algumas pessoas, — uns espertalhões indigenas que explicam todos os phenomenos que por cá apparecem por mystificações ás vezes tão complicadas que chegam a ser mais inverosimeis que a propria inverosimilhança do phenomeno que querem explicar — não accreditam no jejum do jejuador italiano como não accreditaram ha annos no jejum de Tanner, o jejuador americano, e teimam e insistem com grande tenacidade que Succi se banqueteia ás escondidas durante os trinta dias de jejum e que emquanto o publico imagina que elle se sustenta como um professor de instrucção primaria, elle se alimenta como um bom abbade.

Ora francamente eu não me envergonho de ser muito mais credulo que essas pessoas espertissimas e deixem-me incluir sem vaidade no numero dos papalvos que tomam a serio o jejum do sr. Succi, que eu nunca vi, que não conheço, e a respeito de quem portanto não tenho motivo algum para desconfiar, como tambem não tenho nenhum para ter confiança.

Mas o que nunca me passou pela cabeça foi o ser mais esperto do que toda a gente e o de imaginar que toda a gente em França, em Italia, em Hespanha tem sido illudida saloiamente por esse jejuador.

Se se tratasse d'um phenomeno qualquer de feira d'aldeia eu poderia acreditar n'um espertalhão qualquer que tenha artes de illudir uma duzia de camponios ingenuos; mas a respeito de Succi confesso que não accredito n'isso, mesmo pela razão de que acho muito mais inverosimil um homem só ter a habilidade de illudir a vigilancia de tanta gente, de tantos medicos, de tantos jornalistas das principaes cidades do mundo, do que haver um homem cujo temperamento especial, phenomenal, lhe permitta passar 30 dias sem comer nada.

E para mim é este o segredo do Succi.

O segredo não está no tal elixir que elle toma e que ao principio se dizia ser um extracto qualquer de carne, a que elle fazia *réclame* provando assim a sua extraordinaria efficacia: o segredo está na sua constituição especial de nervoso, e na sua poderosa força de vontade.

É sabido de toda a gente que a fome, a sede e o somno, imperam muito diversamente sobre os corpos humanos, e divergem de individuo para individuo.

Ha quem possa estar sem dormir dez noites a fio, do mesmo modo que ha quem não possa perder uma noite; ha quem supporte a fome durante cinco ou seis dias, ha quem succumba a ella no fim de 48 horas, e falle-se com qualquer explorador africano elle contará os differentes effeitos da fome que tem observado nas suas viagens atravez d'Africa, viagens em que muitas vezes, durante dias e dias a fome os acompanha e ás suas *caravanas*.

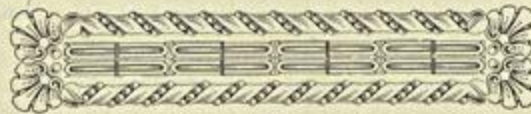
Succi é d'um organismo especial, um organismo que pode resistir muito mais á fome, que os outros organismos, e que alem d'isso tem aproveitado n'esse sentido as suas disposições organicas submettidas á obediencia d'uma grande força de vontade.

Agora o que eu francamente não acho é um grande interesse nas experiencias que elle faz, nem um grande divertimento no espectaculo que elle constitue. Sobre tudo encarado esse espectaculo como tem sido em Lisboa, em que uma pessoa vae ver ao Colyseo o Succi um dia qualquer, como ia ver os Liliputianos e nunca mais lá volta.

Isso é que eu não percebo para que sirva.

O Succi ou não se vae ver, ou então vê-se todos os dias, e a distancias certas, para ir analysando, observando o effeito do jejum, as transformações porque o seu organismo vae passando.

Eu infelizmente estou no primeiro caso, não porque não tenha curiosidade em vel-o, mas porque como já disse, estou doente em casa, doença, que me não deixa sahir, e que me obriga a escrever pouco; *quelque chose* doença é boa.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS NOVOS MINISTROS
FREDERICO RESSANO GARCIA
E
DR. EDUARDO JOSÉ COELHO

A sahida do ministro da fazenda, sr. Marianno de Carvalho e do ministro das obras publicas, sr. Emygdio Navarro, do actual gabinete, determinou uma nova recomposição do ministerio, em que se encarregou da pasta da fazenda interinamente, o sr. Barros Gomes, ficando com a pasta dos estrangeiros e exonerando-se da da marinha que estava tambem regendo, e entrou para esta o sr. Frederico Ressano Garcia e para a pasta das obras publicas o sr. dr. Eduardo José Coelho.

As causas que influiram n'esta recomposição do governo, são já muito sabidas para que aqui as vamos historiar, alem de que a *Revista Politica* do Occidente já se referiu a ellas, como os nossos leitores terão visto.

Os decretos que se referem a esta recomposição do gabinete tem a data de 23 de fevereiro e foram publicados no *Diario do Governo* no dia 26 do mesmo mez.

Os novos ministros que entram pela primeira vez nos conselhos da corôa são dois parlamentares distinctos, que na camara mais tem combatido em favor do actual governo.

O sr. dr. Eduardo José Coelho nasceu em Chaves, em 1836, e em 1861 formou-se em direito na Universidade de Coimbra.

Pouco depois entrou na carreira official da magistratura, sendo despachado delegado, e em outubro de 1883 foi promovido a juiz de primeira classe.

Em 1886 passou para juiz da 1.ª vara civel da comarca de Lisboa, logar que tem desempenhado com muita intelligencia e rectidão.

Tem sido deputado em varias legislaturas, sempre pelo partido progressista.

É orador fluente e tem sustentado no parlamento questões importantes em defeza do governo.

A sua experiencia na politica habilita-o a ser um bom ministro, para o que lhe não falta vontade e intelligencia, e as suas qualidades pessoaes valem-lhe a estima do publico, que recebeu bem a sua nomeação para ministro das obras publicas.

* * *

O sr. Frederico Ressano Garcia, nomeado ministro da marinha, é par do reino, secretario da camara dos pares e vogal da commissão de fazenda e obras publicas.

A sua actividade e habilitações scientificas chegam-lhe para desempenhar varias commissões officiaes. Assim exerce o logar de engenheiro da camara municipal de Lisboa, que adquiriu por concurso em 1874; lente da 2.ª cadeira do Instituto Industrial de Lisboa, por concurso em 1871; lente na Escola do Exercito dos cursos auxiliares de machinas, tambem por concurso, em 1880.

O caminho de ferro de cintura de Lisboa foi feito sob seu projecto e direcção e foi engenheiro do caminho de ferro de Cintra.

Collaborou largamente no plano das obras do porto de Lisboa de que foi encarregado pelo grupo de negociantes e capitalistas portuguezes.

Muitas outras commissões transitorias tem desempenhado e em que sempre deu provas de competencia.

Tendo feito os seus primeiros estudos de engenharia em Lisboa, foi completal-os nas escolas de Paris de Pontes e Calçadas, e concluiu-os aos 23 annos de idade.

Quando terminou os seus estudos em Paris, rebentava a guerra franco-prussiana, e o sr. Ressano Garcia interessando-se enthusiasticamente pela sorte da França, que tão bem o tinha acolhido, alistou-se voluntariamente na guarda nacional mobilisada de Paris, sujeitou-se valorosamente ao cêrco da cidade e serviu nos postos avançados como simples soldado, chegando a entrar em fogo.

O sr. Ressano Garcia conservou-se muitos annos fóra da politica até que em 1879 foi eleito deputado por um dos circulos de Lisboa. Depois foi deputado pelo ultramar, e tornou a ser eleito por Lisboa.

Jornalista, foi redactor do *Progresso* e tem escriptos seus no *Diario Popular* e outros jornaes progressistas.

Eis em rapidos traços o que são os novos ministros de que o Occidente publica hoje os seus retratos, conforme costuma, sempre que ha mudanças ou recomposições de ministerio.

O MARECHAL DE CAMPO
JOSÉ DE FREITAS TEIXEIRA SPINOLA
DE CASTELBRANCO

Foi no dia 7 de fevereiro proximo passado que falleceu o ultimo marechal de campo do exercito portuguez sr. José de Freitas Teixeira Spinola de Castelbranco, um militar tão distincto como professor eminente, que exerceu o magisterio durante o melhor de trinta e dois annos, com zelo e intelligencia pouco vulgar.

Nas fileiras do nosso exercito militam hoje muitos officiaes nos postos mais elevados e que foram seus discipulos. Esses se recordarão com saudade do seu antigo lente, cujo retrato hoje publicamos com algumas notas para a sua biographia.

José de Freitas Teixeira Spinola de Castelbranco, filho do Dr. Mauricio José de Castelbranco e de D. Maria Dionisia de Freitas Abreu de Castelbranco, nascido em 7 de janeiro de 1801, fez a sua primeira educação litteraria no Funchal em um collegio inglez, que durante os annos da guerra com a França, ali se estabeleceu quando occu-

pada por gente e tropas inglezas; e tambem frequentando a aula regia de desenho e as do então denominado Pateo das Artes, e a de latinidade do Seminario.

Em 1816 sentou praça de cadete em um corpo d'artilheria de guarnição na Madeira, da qual era então Governador o Tenente General Florencio José Corrêa de Mello, distincto pela sua bravura e severo mantenedor da disciplina militar.

Obteve licença para vir ao reino frequentar as aulas que constituiam o curso d'artilheria, e tambem a Faculdade de Mathematica na Universidade de Coimbra, onde se matriculou, depois de feitos com prospero resultado todos os exames preparatorios, em todas as aulas que constituiam o 1.º anno do curso. Concluiu este com aproveitamento em 1821, tendo merecido a distincção de premio, e recebido o grau de bacharel formado em mathematica; e tambem o despacho de 2.º tenente d'artilheria, a que houvera adquirido direito pela sua antiguidade no serviço militar, e superioridade pela sua instrucção propria das armas scientificas.

Foi despachado em 1822 lente substituto da Real Academia de Marinha de Lisboa, por proposta da congregação dos lentes d'este real estabelecimento; e em resultado de concurso publico a que segundo a lei, unicamente eram admittidos doutores ou bachareis formados em mathematica; tendo obtido preferencia sobre os diversos concorrentes.

Aquelle despacho seguiu-se o ser immediatamente chamado pelo ministerio da marinha, para vir reger a cadeira do 1.º anno da Real Academia de Marinha e interromper o serviço militar, em que se achava no seu corpo de artilheria.

Em 1823 obteve passagem para o Real Corpo d'Engenheiros, e n'esta arma continuou a sua carreira militar té o posto de Brigadeiro, sendo reformado no de Marechal de Campo, contando no dia do seu fallecimento 88 annos e um mez de edade e 73 de serviço.

Em 1833 e 34 fez as campanhas da liberdade entrando nas batalhas que então se feriram, pelo que se lhe conferio a medalha de D. Pedro IV e D. Maria II valôr militar; assim como houvera as de bons serviços e a de comportamento exemplar, de ouro.

Quando em 1835, no ministerio de Rodrigo da Fonseca Magalhães, foi extincta a Real Academia de Marinha e outros estabelecimentos d'instrucção publica superior, e creado para as substituir o Instituto de Lisboa organisado com o pessoal escolhido dos professores dos extinctos estabelecimentos e ainda d'alguns da Universidade de Coimbra, foi nomeado lente de mechanica do Instituto, estabelecimento que ainda começou a funccionar, mas que não foi por diante por effeito de mudança ministerial, e entrada para o ministerio de L. Mousinho d'Albuquerque.

Foi em 1837 novamente extincta a Academia de Marinha, e creada a Escola Polytechnica, dotada com o edificio e rendimento de todos os bens do extincto Collegio dos Nobres que outr'ora fôra, e pertencia aos Jesuitas; sendo creada uma junta administrativa da escola para organisar, gerir e administrar os fundos do novo estabelecimento. Passou então para lente da 2.ª cadeira da Escola Polytechnica, e foi nomeado vogal da sua junta administrativa.

Ulteriormente desempenhou gratuitamente (sem gratificação) por mais de nove annos o logar de director da escola, cumulativamente com o logar de lente até que, por motivo do seu máu estado de saude, obteve a sua jubilação; depois de mais de 32 annos de effectivo serviço no magisterio de instrucção publica superior, e de ter desempenhado muitas e variadas commissões de serviço publico. Ainda depois de jubilado foi nomeado, na qualidade de official d'engenheria, fiscal do governo nas obras da reconstrucção do edificio da Escola Polytechnica, que durante a sua existencia na escola viu começar a erigir e concluir.

Foi-lhe conferida a commenda d'Aviz na qualidade de Lente Decano da Academia Real de Marinha e Escola Polytechnica, que segundo as leis da sua creação tinham as honras e preeminencias dos da Universidade de Coimbra, os quaes pela legislação do Marquez de Pombal, tinham commendas em determinadas circumstancias Esta pratica nunca foi interrompida.

Foi-lhe dada a Carta de Conselho como Lente Decano e Director da Escola Polytechnica que foi durante annos, tendo publicado obras de mathematica que a Escola adoptou por compendios Pratica analoga se observa com os lentes da Universidade de Coimbra.

Foi eleito socio da Real Academia das Sciencias de Lisboa por ter escripto um tratado d'Algebra Superior, que a Academia aceitou, e julgou merecer de ser impresso na sua typographia, a expensas suas, pelo que lhe conferio esta distincção. Compoz mais um tratado de Geometria Analytica, que lhe offereceu.

OITAVO SALÃO

(Continuado do n.º 366)

Deixem me dizer, antes d'ir mais longe, que os embréchados de factura, exclusivamente superficiaes e d'um maneirismo intencionista, entretecidos, calculados, e combinados com todas as manhas da paleta para fomentar os apuros d'uma poesia querida ou d'uma singeleza sabichona, sem o ardor latente do sentimento nem as franquezas da observação, parecem aspirar a um pretencioso engrandecimento da illuminura — que, na sua languescente e tosca sinceridade, foi como uma floração rudimentar da pintura gothica, — até ás complicações e aos mandamentos do estylo triumphante de hoje em dia, fortalecido na pratica da realidade inspiradora, a que o conduziram as saudaveis metamorfoses sobrevindas na arte durante o actual seculo.

O sr. Sousa Pinto, pela parte que lhe toca, adora as subtis mesquinharias e os arrebiques illudentes, que tolhem a expansão mascula d'um temperamento. Esforça-se, além d'isso, por ser apontado como representante d'um primitivismo bastardo e serodio, que, desandando das ternas fabulações religiosas para umas pacatas scenas de genero, em virtude da philosophia de scepticismo corrente n'estes crueis tempos d'impiedade, substitue o ideal d'uma fé perdida pelos artificios de processo, scientemente emfézados e adubados d'uma sentimentalidade sôrna; e não desdenha d'escolher um ou outro assumpto contaminado de litteratice, com o intuito de nos fabricar uma pintura transcendente, como quem julgasse tornar um vinho mais espirituoso — misturando-lhe maliciosamente uma dosagem de salsaparrilha. Ora, um pintor que recorre aos subterfugios excentricos, e foge d'aproveitar apenas os recursos prodigiosos da luz e da côr, em cuja escala infindavel cabe a consagração das innumeraveis fórmas e apparencias, e das imagens transitorias da creação, desde os esplendores pagãos da carne até á tranquillidade idyllica d'um lago rosado pela aurora, subtráe-se aos verdadeiros encargos do seu officio.

D'entre os pequenos quadros ambiciosos, em que Sousa Pinto prepara a natureza para chegar a resultados previstos, o *Doentinho* é o mais sympathico. De costas para o espectador, uma mulher d'aldeia vae atravessando a planura d'uma paizagem brumosa do norte; sustem ao collo a creança enferma, que repousa a cabecinha sobre o seu hombro esquerdo, cahida n'uma quietação dolente; e n'uma mão leva a garrafa vasia e a receita garatujada para um remedio. Por cima do horisonte, transparece o brilho encinzado d'uma lasca de lua nova, embaraçada nas vaporosas nevoas do crepusculo, em que se decompõe ainda um clarão triste de despedida, ruborejante e violaceo; arredondam-se ao longe algumas arvores sombrias; e, no primeiro plano, d'entremeio com hortaliças rareadas, florejam pintas rubras de papoilas, minusculos malmequeres, e corollasitas celestes d'iris. O conjuncto arranja-se n'um acôrde vago de melancolia, certamente; mas a figura, com a sua roupagem retesada de prégas, os contornados caules e as folhas das plantas, e todos os amortecidos accidentes da téla, minudenciados e desenhados com uma correcção meticulosa, são friamente tocados, como lustrosos de gêlo e relambidos por linguinhas de gato; emquanto que a alvura do luar nascente, espelhada no chão, confundir-se-ia sem custo com uma camada polida de geada.

Em compensação, o mesmo artista debuxa e colore os seus pasteis com uma mestria admiravel Em dois que mandou por agora, — uma cabeça de pescador, descarapuçado e boquiaberto, com a dentuça quebrada ou apodrecida, typo d'arabe miseravel, estropiado pelo trabalho, os olhos garços, e com uma barbicha grisalha, a testa enrugada e a cara requeimada pelos sóes e pelos ventos marinos; e o busto d'uma rapariga de Vallongo, linda trigueirinha com a rubicunda flôr da mocidade e da saude na face, tendo nos olhos rasgados um espanto innocente d'animal e de virgem, com um saiôto de burel preto lançado sobre os cabellos e um lenço côr de canario encruzado no peito, — em ambos vemos uma largueza briosa d'execução e uma fragrancia de caracter, que Sousa Pinto poucas vezes attingirá na sua systematica pintura a oleo.

Condeixa expôz uma composição interessante, ainda que fatigadamente archaica, o esboceto para a decoração d'um tecto, intitulado *A Noite*. A deusa amavel, que nos faz o favor d'olhar pelas nossas resonadas somnécas, estende o formidavel corpo nú e reclina o grosseiro torso na concha do seu carro, arqueado e sem rodas, jornadeando n'esse trenó classico ao travez das nuvens; os seus braços desencontram-se, brincando com um pannejamento esvoaçante; sorri-se, de tranças desfeitas, sob o fulgor d'uma estrella; e, com as pernas levantadas, dobradas e escorçadas n'um angulo alto, dir-se-ia que symbolisa uma escada tentadora para os prazeres nocturnos, na sua posição abandonada. Em torno, um geniosinho bom rapaz empunha um facho, que arde n'uma luzerna fatua de punch; outro sopra de rijo na sua buzina; e gesticula e traquina em liberdade um enxame de meninos alados, semelhantes a morcegos archangelicos, sobre os quaes uma delgada fouce de lua derrama a sua lumieira astral. O acabado quadro da *Praia do inglez morto*, bem perspectivado na ligação dos planos, que vão d'uma á outra margem do Tejo, nas proximidades da barra, tem bocados que parecem lavados a aguarella, nomeadamente o atropellado montão das fragas, á direita. Preoccupando-se com a voluntaria difficuldade d'um caso de luz artificial, Condeixa soube passar com geito e cautela ao lado da verdade, e executou n'uma gamma trabalhosa de meias tintas o magnifico estudo do *Serão*, com o seu interior honesto, onde uma senhora inclina a cabeça e junta as mãos sollicitadas pela tarefa ligeira d'um bordado, na dubia claridade quebrada d'um candieiro de petroleo. O effeito coruscante do *Mar ao meio dia*, em que um sol d'estio accende resplandecencias de prata no dôrso verdoengo das aguas, cheira a falso, como uma moeda demasiadamente fulgida. E, ao mesmo tempo, nota-se que o Condeixa não observa nem sente a fulgorosa vibração e a cordeal alacridade da luz commum de cada dia, porque continua a brochar, n'um descuido reincidente, manchas de paizagem denegridas e baças, como se fossem abafadas n'uma velatura de treva.

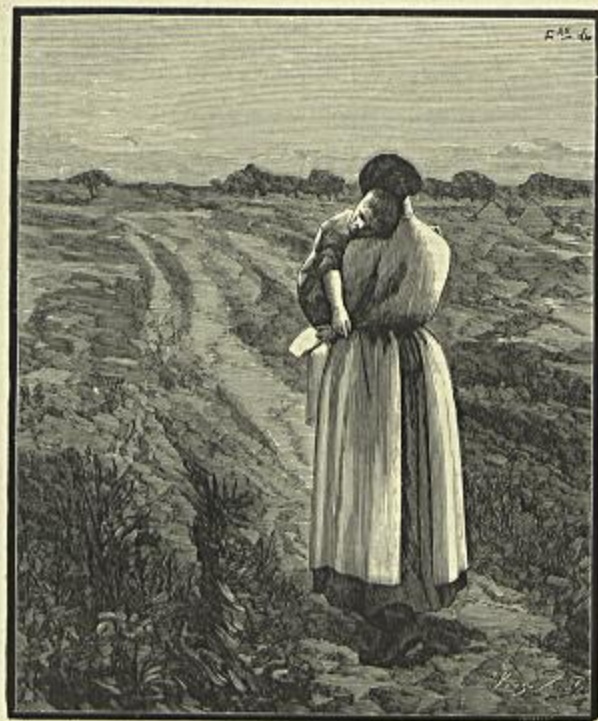
A figurita do velhôte que, sentado á sua janella, está *Olhando a tempestade*, com um ar de bondade na cara encorreada e tostada, é d'um escrupuloso desenho, pintada com o esmero de não sei que virtuosidade affectuosa.

Provavelmente Malhôa não pertence ao numero eleito dos artistas que, quando traçam uma pagina ou uma tela, soffrem a influencia guiadora d'uma imponderavel esthesia espontanea, contida na essencia funccional do proprio sêr, borbulhando da fatalidade da sua organisação como os veios d'uma fonte invisivel na espessura d'um relveiro; e, desconhecendo tambem as leis geraes da esthetica, cáe no erro de se fincar com apparato em certas formalidades, puramente escolares. Assim, no inominado retrato da *Noiva*, obedece com tal empenho a um rotineiro preceito, que manda aristocratisar e afinar as extremidades do corpo humano, por mais energicas e rudes que ellas sejam no modelo, — como se até a manapula escorchada d'um rachador de lenha não offerecesse a eloquente belleza do seu caracter especial, — e de-em-se tão gostosamente a modelar a branca mãosinha, que este membro apreciavel passa a despegar-se do conjuncto, destoando com uma saliencia de chamariz, sem de todo conseguir ornar-se d'uma distincção assignalavel. A supposta esposada afasta da cara afogueada e forte em côr o veu diafano, que lhe pende da cabeça, amarfanhado n'uma flacidez de pennugem transparente de perfil, acamados sobre a fronte os abundantes cabellos trevosos, fixa algures o olho negro, d'um velludo fluidoso, emquanto o seu fornido peito arfa dentro d'um corpete de setim alvacento; e, exceptuada a mão, defeituosa á força d'aperfeiçoamento, a figura e os accessorios são valentemente pincelados, com a frescura e a attrahencia d'uma factura expedita.

De resto, as serviçaes qualidades de vigor, contrariadas por matreiras e renitentes artimanhas, avultam por egual nos outros quadros apresentados por Malhôa, — tanto no desageitado entrecho do *Colleccionador*, em que um cavalheiro bastantemente desproporcionado e engalanado maniacamente d'uma farda envelhecida, calvo e com as faces enfarruscadas de toques carminaceos, mira com a sua lente um objecto qualquer; e na paizagem larga do *Aboboral*, prejudicada pelas violentas chapadas de sombra, que se enicham por entre a verdura do primeiro plano; como no espectaculoso estudo do *Crepusculo*, onde a atmosphera, irradiada d'um luzeiro de pedraria fundida e accesa, e passeada de nodoas de sangue que por lá esfregaria algum dedo sobrenatural, desconcorda bruscamente com a escuridade da terra, visitada já pela noite pressurosa.

(Continúa).

Monteiro Ramalho.

8.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

O DOENTINHO *(Salon de 1887)*

Quadro de Sousa Pinto

ANTES DO TRABALHO

Quadro de Greno

VOLTA PARA A ARRIBANA, Arrabaldes de Lisboa

Quadro de Silva Porto

A PRAIA DO INGLEZ MORTO, Paço d'Arcos

Quadro de Condeixa

(Desenho de L. Freire) — Vid. artigo Oitavo Salão

MATTA DA CORUJEIRA

Quadro de Christino da Silva

(Desenho do mesmo auctor)

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

VI

OS CORREIOS

(Continuado do n.º 368)

Entretanto a esphera de acção do cargo de correio-mór ia-se alargando enormemente e os lucros avolumavam com extraordinaria rapidez. Achava-se no throno a rainha D. Maria I, o marquez de Pombal havia sido deposto de todos os seus cargos e exilado, mas os effeitos prodigiosos da brilhante administração do grande estadista ainda se reflectiam beneficamente em todo o paiz. As exigencias do commercio, tanto interno como externo, haviam avultado; a industria nacional achava-se prospera e a nossa preponderancia alastrava-se por toda a Europa fazendo Portugal conhecido e respeitado. Estava então dirigindo o governo como chanceller José Seabra da Silva e pensou-se dar aos correios e postas do reino mais ampla disposição e maior latitude passando esses serviços para o estado.

Em vista d'isso Rodrigo de Sousa Coutinho, então ministro da marinha, foi encarregado pela soberana de propôr ao correio-mór a cedencia do seu rendoso officio por uma qualquer indemnisação, que, desde logo se julgou deveria ser avultadissima, como fabulosamente avultados eram os lucros d'aquelle valioso patrimonio.

Era então senhor do *dominio* dos correios Manoel José da Maternidade Matta de Sousa Coutinho, 8.º correio-mór, que, consultado sobre o assumpto acceitou a venda com as seguintes clausulas:

1.ª Dar-se-lhe o titulo de conde de juro e herdade em tres vidas.

2.ª Conservação das honras de creado da casa real.

3.ª Renda annual de 16 contos.

4.ª Pensões vitalicias de 400$000 réis a diversas pessoas.

5.ª Concessão de um ou dois postos no exercito.

Que a *posta* das postas produzisse tantas ditas para o feliz correio-mór era isso muito provavel, e até muito natural, mas que ainda sobre tantas *postas* elle pedisse dois *postos* no exercito, isso é que fez pasmar muita gente e que custou mais a engulir ao ministro proponente.

Seja porém como fôr, o que é facto é que tudo se fez na graça do Senhor e na mercê da rainha. O contrato de venda foi assignado em 16 de março de 1797 e Manoel da Matta Coutinho feito conde de Penafiel, por alvará de 17 de dezembro de 1798 e gentil homem da camara de sua magestade.

Mais tarde foi nomeado par do reino, ministro plenipotenciario, etc. etc.

Em breve a riqueza d'esse homem attingiu proporções colossaes, que ainda mais avultaram quando o governo resgatou aquelle pesado fardo pela somma de cem contos de réis.

No entanto estava satisfeita a vontade da soberana. Os serviços do correio voltaram a fazer parte da administração do estado, passando ás attribuições do ministerio dos negocios estrangeiros.

Foi então creado o correio geral e extincto o officio de correio-mór. Creou-se a sub-inspecção dos correios sendo nomeado sub-inspector, por decreto de 20 de janeiro de 1799, o desembargador José Diogo de Mascarenhas Netto, homem de grande actividade e notavel merecimento.

Na mesma data foi *restabelecido* o correio maritimo, e dizemos *restabelecido* porque já muito anteriormente se havia creado o officio de *Correio-Mór de Mar* cujo regimento é datado de 9 de junho de 1657, mas que parece não ter sido posto em vigor porque os avisos e as ordenações posteriormente publicadas nada dizem a tal respeito.

O alvará de 15 de fevereiro de 1819 regulou o serviço dos correios entre Portugal e o Brazil; a portaria de 23 de julho de 1821, passada pelo ministro da marinha Joaquim José Martins Torres, estabeleceu o serviço dos correios maritimos para as ilhas, bem como a de 13 de fevereiro de 1826, que determinou que os correios para Cabo-Verde tocassem na ilha da Madeira. Mais tarde foram estabelecidos os correios para a Africa bem como para a India e Macau.

O serviço interno da pequena posta foi regulado pela primeira vez em 7 de maio de 1800. Por essa reforma postal que dividiu Lisboa em 17 districtos postaes foi creada uma entidade nova: a dos *entregadores* ou *carteiros*.

A correspondencia era deitada em caixas, sob a guarda e vigilancia de logistas que ficaram sendo os *fieis da correspondencia*. D'ali eram levadas as cartas ao Correio Geral e distribuidas pelos carteiros pagando o destinatario 20 réis por cada uma que lhe fosse entregue.

Em 16 de março de 1797, Antonio de Araujo Azevedo, ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, foi nomeado *inspector dos correios* com superintendencia n'esses serviços. Em 1 de abril de 1799 as repartições do correio foram transferidas do palacio do Correio-mór, a S. Mamede, para o palacio do monteiro-mór aos Paulistas.

Em 16 de janeiro de 1805 foi exonerado José Diogo de Mascarenhas Netto, sendo tres annos depois creado o logar de *sub-inspector gratuito* (8 d'abril de 1805) mas parece que tal logar puramente honorifico, nada produzia de util para o serviço, porque em 11 de dezembro de 1807 foi nomeado sub-inspector Joaquim de Moraes, pago pelos cofres do estado. A este seguiu-se José Barreto Gomes, e, pela invasão dos francezes serviu como inspector um tal Juvin, que, se precisamente, para sua gloria, não foi o progenitor do preconisado inventor das machinas de coser luvas, conhecidas por este nome, tornou-se ao menos saliente pelas suas ignobeis violações na correspondencia que se lhe affigurava suspeita.

A Juvin seguiu-se pelo restabelecimento do governo portuguez, Lourenço Antonio de Araujo, que administrou dezesete annos, e depois o contador Manuel Ferreira Barbas.

(Continúa) *Silva Pereira.*

CONTOS DE HOJE

IV

(AO MEU AMIGO DR. F. FERRAZ DE MACEDO)

Ninguem calcula o terrivel flagello que são «meias palavras» como se diz vulgarmente.

Pois temos consciencia do que dizemos e não nos atrevemos a explical-o claramente! Então é melhor que taes affirmações decapitadas nunca nos transponham os labios. E, se a imaginação do aggredido é tão brilhante que o faça viver fóra do escuro *trou* mundano, então vem a ser um verdadeiro crime, ir envenenar santas aspirações, afogar essas expansões brilhantes que só para certos espiritos de selecção, como que o motor de vôos geniaes que a historia do mundo guarda no seu livro de ouro.

É ponto incontroverso, no dizer conceituoso do artista da «*Comédie Humaine*» que temos teclas interiores que determinados sons fazem mover, correspondendo a estas os centros nervosos onde nascem as nossas idéas e sensações. E é assim que vemos na Arte uma collecção de meios pela qual conseguimos pôr o mundo externo em contacto com est'outra natureza, poderosa de sublimidades, chamada *vida interior*.

Imagine-se uma creação sublime! onde todas as maravilhas do mundo visivel se acham reproduzidas com uma amplidão grandiosa, e de uma delicadeza e extensão incommensuraveis; onde as sensações infinitas do altissimo goso só attingem certas organisações selectas, — uma creação emfim, inspirada n'um ente a quem o nosso amor insuflou o jacto divino! . . Imagine-se tudo isto, e teremos uma idéia dos gosos transcendentes que nos tornam phantasistas, só para nós, como no grande espirito de Balzac quando produz os amores da *Massimilla Doni*.

*
* *

Ninguem calcula o terrivel effeito d'uma phrase hesitante *de meias palavras*, n'um espirito que tenha attingido essa sublime creação. E, desgraçadamente, eu bem sei que um homem, — depois de atravessar por essa esphera, onde mal vivem obras materiaes pelos processos de imitação, — eu bem sei que esse homem não pode ser comprehendido na geração moderna. Embora venha bater-nos no cerebro, com a cadencia secca das pancadas de uma pendula esta phrase:

—Coragem!.. e espera.

Ai! ninguem calcula o terrivel flagello que são as *meias palavras!*

Por meio d'ellas pode-se ferir, insultar e commetter toda a casta de sacrilegio sem a menor responsabilidade.

De que serve perguntar ao misero que anda esmolando se tem filhos?... e obrigal-o a recordar a triste historia, que elle deve ter sempre presente na miseria que o rodeia, se o não queremos ajudar, ou se não podêmos fazel-o? Não seria mais correcto distrail-o, affastal-o do quadro que o punge, animal-o? Porque, se não podemos dar-lhe dinheiro, quando o não tenhamos elle encontraria ao menos no conforto das nossas palavras, affecto e respeitosa consideração que tambem são alimento para o espirito. Pois não seria para este desgraçado, uma esmola bem avultada fazel-o *esquecer tudo*, junto a nós?

*
* *

E na vida intima? na vida do *ménage*, como hoje se diz?

Ai d'aquelle que ao chegar a casa, depois de um dia de trabalho insano só ouve da esposa que o visinho do lado comprou um vestido novo para sua mulher, accrescentando ella ainda com ar distrahido:

—Aquella foi feliz!...

E não repara, não quer ver, que o pobre marido trabalhou todo o dia, soffreu muitas mais humilhações do que ella, para a fazer feliz como «a outra»... E vê-o, ali, extenuado, cansado, exhausto, sedento de consolações que o podem tornar escravo da que lh'as der, esperando a tremer de impaciencia um sorriso que adivinhe e premeie os seus esforços, os seus sacrificios... e ella, então, agradece-lhe, anima-o:

—Se tu ganhasses mais alguma cousa, talvez se...

E nem olha para elle, não lhe vê a cara macillenta, o olhar amortecido, vago, como o dos que olham sempre para o futuro .. e pergunta-lhe quem sabe se no mesmo dia em que elle teve uma querella com o mestre, o chefe, o superior, *o senhor*, — conforme o desgraçado é operario, subordinado ou escravo, e pergunta-lhe na sua inexoravel distracção.

—O teu chefe que é «tão teu amigo,» não poderia...

Outra reticencia, outra phrase decapitada. É horroroso isto!...

É um estado dilapidador!...

O desgraçado se ainda tem sangue, se o não gastou no dilapidar intimo, constante, só lhe serve já para ter uma congestão cerebral que o faça bater no sobrado como uma massa inerte. Se ainda tem vibrações na alma, como não soffrerá! Que horrivel abalo na sua imaginação de artista, por aquella innocente *conversa* que é uma accusação gratuita; por aquelle apparente interesse que o toca n'uma viva censura que vem penetral-o até rasgar-lhe as entranhas!... Todos os seus sonhos, toda a sua ambição era a conquista d'aquella alma de mulher que suppunha ter elevado pela educação moral do verdadeiro amor; todos os seus planos e aspirações eram accordes com *ella*.

Viviam sós.

Tinham vivido felizes... mas um dia tomara-a uma aspiração de hysterica. A familia d'ella havia vindo vizital-a sopesando noticias de *casamentos felizes*, em que os homens tinham sempre tudo que as mulheres desejassem.

E circulava na casa como um vento tempestuoso esta phrase:

—É verdade que elles, tambem trabalham muito; a verdade deve dizer-se.

E *ella* concluia, muito rapidamente que o seu homem não trabalhava tanto como os outros...

E o vestido novo da visinha passava-lhe pelos olhos como uma fita de fogo...

E não via o pobre marido com os cotovellos fincados na meza, a cabeça encaixilhada nas mãos crispadas pela tempestade interna, os olhos fitando a sôpa, que esfriava lentamente como um corpo perdendo a vida, espelhando na superficie pullida do caldo todas as scenas de humilhação a que se exposera nas irritações da vida do trabalho.

A pequena casa de jantar parecia-lhe enorme, muito fria, só, sem mulher, sem conforto...

E *ella*, irritada, muito nervosa por elle não fallar, incitava-o:

— Côme, anda! Se continuas assim, d'aqui a pouco, magro como estás, não pódes fazer nada...

Elle então, bruscamente accordado, teve para ella um olhar embrutecido, basso, não a reconhecendo, e como que admirado de a ver ali!

Sentia-se tão abandonado que imaginou estar, de facto, só!...

E era aquella... a sua querida mulhersinha, o seu descanço, o seu premio! Ella, por quem elle anhellava na faina do trabalho como a fonte de agua, o *oasis*, em que elle retemperaria as forças para a grande lucta pela vida!

Era aquella... era!

Porem elle, — coitado! — não adivinhára que a familia d'ella viera visital-a trazendo o assumpto dos *casamentos felizes*, nem sabia que a visinha tinha um vestido novo, nem que elle proprio estava magro, macillento, sem as galas d'um inutil

galanteador,—não sabia, coitado!—não sabia nada! Só sabia que trabalhava noite e dia por causa d'ella... Afastando-se-lhe o futuro na sua frente, como no supplicio do *moinho* em Londres...

Não teve uma lagrima o infeliz. Mas, desde aquelle dia, nunca mais lembrou no ardor do trabalho o perfil honesto da sua *querida* mulhersinha, nem a sua *alegre* casinha, sem que os olhos se lhe injectassem de sangue, como nos desgraçados que já não teem lagrimas, porque lh'as levou a lesão no coração:...

E comtudo ella podia salval-o ainda, apenas com estas palavras:

—Pobre amigo! Tens trabalhado tanto por minha causa. Coragem! e... espera melhores tempos...

* * *

É bem certo que ninguem calcula o terrivel flagello que são as meias palavras...

Manoel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XI

—Torne-me a dizer quem é? pediu de novo a sr.ª Leitão um pouco mais tranquilla por que a voz que acabava de ouvir lhe parecia outra vez muito a voz do Quim, apesar de todas as duvidas aterradoras que as suspeitas da cosinheira tinham lançado no seu espirito.

—Sou o Quim, minha senhora, sou o Quim, um seu creado, como já tive a honra de lhe dizer.

Mas a sr.ª Leitão quiz ainda ter mais provas de que era o irmão da Emilinhas quem estava na escada e pediu-lhe:

—Então, se é o sr. Quim queira dar-me alguns signaes certos para eu o reconhecer.

—Ora essa! que signaes? perguntou da banda de fóra a voz do Quim muito admirada.

—Uns signaes quaesquer que me provem que realmente é o senhor.

—Que lhe provem que sou eu: então se eu não fosse eu quem havia de eu ser? interrogou de lá o Quim.

—Eu sei! Bem vê que a sua estada ahi a estas horas é tão extraordinaria!

—Quer então que lhe comprove a minha identidade, não é isso?

—Quero que me dê signaes certos por onde eu o possa reconhecer.

—Signaes certos? Olhe, a descripção do incendio feita pelo filho do Pereira.

—Este é certo! disse em voz baixa para a criada a sr.ª Leitão.

E em voz alta ainda pediu.

—E que mais?

—O attaque de nervos da sr.ª D. Ritta!

—E que mais?

—A queda do candieiro de petroleo.

—E que mais?

—Um beijo dado em V. Ex.ª.

—É elle com certeza, exclamou a sr. Leitão socegada e radiante.

E cheia de confiança, desvanecendo todos os seus medos ia a abrir a porta.

Mas de repente assaltou-a ainda uma sombra de receio.

E perguntou:

—Com quem está o senhor ahi?

—Com quem estou?

—Sim.

—Com ninguem. Então com quem havia de eu estar a estas horas na escada de V. Ex.ª!

—Está sosinho?

—Sim, minha senhora.

—Palavra de cavalheiro?

—Palavra de cavalheiro.

—Hum! não me cheira, segredou incredula aos ouvidos da sr.ª Leitão a cosinheira, então elle é um só e anda como dois.

—É verdade! disse a sr.ª Leitão em voz baixa, nós ouvimos distinctamente quatro pés a subirem a escada.

E erguendo a voz contestou á affirmativa do Quim.

—Tem a certeza de estar sosinho?

—Ora essa? então não heide ter:

—Mas como explica então o senhor, os quatro pés?

—Quaes quatro pés! pergunta o Quim muito admirado.

—Os quatro pés que subiram agora mesmo a escada.

—Quatro pés a subirem a escada?

—Sim, eu ouvi distinctamente.

—Ouviu quatro pés! repetiu elle.

E depois occorrendo-lhe de repente o que devia ser, d'onde vinha a confusão, continuou rindo:

—Ah! já sei! já sei o que é? os quatro pés eram eu!

—O senhor? perguntou a sr.ª Leitão meio incredula.

—Sim, minha senhora, os quatro pés eram eu a subir. Como a escada está muito escura porque já dei cabo de todos os phosphoros, e eu tive que subir quando V. Ex.ª me chamou, subi com os pés e com as mãos para não dar algum trambolhão.

—Não percebo.

—Os quatro pés que V. Ex.ª ouviu, continuou o Quim explicando, eram os dois meus pés, e as duas minhas mãos. Dois e dois fazem quatro!

—É isso, é, disse para a cosinheira a sr.ª Leitão convencida e abrindo a porta.

E finalmente o Quim entrou!

—Eu peço desculpa a V. Ex.ª de vir incommodal-a a esta hora que não é lá muito propria, começou a balbuciar o Quim.

—Ora essa! Para o sr. Quim nunca ha horas improprias, respondeu muito amavel a sr.ª Leitão.

O Quim olhou para ella e vendo-a de pé descalço, saia, coifa e chale, fez-se muito vermelho e tornou muito confundido:

—V. Ex.ª é muito amavel, mas se as suas palavras dizem que a hora é propria a sua *toilette* dizem-n'o bem que ella o não é.

A sr.ª Leitão, reparou n'esse momento a figura em que estava, e tomada de subita vergonha, disse apenas:

—Ai! meu Deus! como eu estou!

E desatou a correr pelo corredor fóra, para o seu quarto de cama deixando o Quim só com a creada, cujos trajos eram egualmente menores.

—Eu não quero incommodar, disse o Quim muito corrido.

—Pois para quem não quer incommodar não me parece que escolhesse lá muito bom caminho, disse a creada, que não era de cerimonias nem tinha papas na lingua, desde esta tarde que não tem feito outra coisa cá em casa senão incommodar toda a gente.

O Quim ficou muito desapontado com esta franqueza dura e desculpou-se envergonhadissimo.

—Pois se tenho incommodado não tem sido por querer, tem sido a fatalidade. Eu só o que queria agora era fallar a minha mana.

—A sua mana não está cá!

—Ah! não está?

—Não senhor, o patrão já lh'o disse.

—Ah! aquella voz grossa que me mandou para o diabo era a do sr. Leitão.

—Sim senhor, elle está furioso com o senhor.

—Ah! está furioso?

—Está damnado e se o apanha é capaz de lhe dar uma sova de o desancar.

—Então, com sua licença, disse aterrado o Quim recuando para a escada.

—Mas a senhora foi-se vestir para lhe fallar.

—Não é preciso, não é preciso, tornou o Quim recuando sempre, visto não estar cá a mana não preciso fallar com a senhora.

—Mas... ella vem já ahi...

—Não senhora, sem incommodo, sem incommodo...

E o Quim desatou a correr pela escada abaixo, não fazendo caso nenhum das instancias que a criada debruçada do patamar fazia para elle esperar a sr.ª Leitão, e aproveitando a luz que a criada trouxera ao patamar para descer a escada a quatro e quatro.

Vendo que eram perdidas as suas instancias e que o Quim ia já na rua, a Anna voltou para casa, desconsolada, com a consciencia de ter fallado de mais, de ser a culpada do Quim se ter ido embora.

Quando ella entrava em casa e fechava a porta da rua, apparecia no fim do corredor a sr.ª Leitão em *toilette* feito á pressa para receber dignamente o Quim.

—Manda entrar para a sala.

—Quem? perguntou a cosinheira sentindo todos os espinhos cruciantes do remorso.

—O sr. Quim!

—O sr. Quim?

—Sim.

—Foi-se embora.

—Foi-se embora?

—Sim, minha senhora.

—Ora essa! Para onde?

—Eu sei lá.

—Mas então elle foi-se embora sem esperar por mim?

—Sim senhora.

—Essa é unica! Então elle passa uma noite toda ás escuras na escada a arranhar na porta, e quando no fim de tudo se lhe abre a porta vae-se embora?

—Eu não sei.

—Deixa-me ir vestir para o receber... e safa-se.

—Eu disse-lhe isso mesmo; que ficasse, que se demorasse mais um bocadinho, que esperasse pela senhora...

—E elle? Elle o que disse?

—Disse que tinha muito que fazer, que sem incommodo e deitou a correr pela escada abaixo.

—E vá lá uma pessoa ser delicada com certa gente! exclamou a sr.ª Leitão fula, desapontada e muito arrependida de ter tido o trabalhão de estar a fazer toilette. E eu tão tola que o queria receber, para lhe pedir desculpa em nome do sr. Leitão! Ah! Bem fez elle, o meu marido! Elle é que sabe viver com esta sucia de malcreados! Foi-se metter na cama e mandou-o para o diabo que o carregue.

E indo pelo corredor fóra para o seu quarto, despindo-se pelo caminho com muito mau humor, entoava estes louvores á má creação do seu esposo, que momentos antes tanto verberara ainda e metteu-se na cama resmungando:

—Bem fez elle! Eu digo o mesmo que elle disse! Que esse idiota do Quim vá para o diabo que o carregue!

E d'ali a um quarto d'hora tudo repousava finalmente em casa do sr. Leitão.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

REVISTA POLITICA

De vez em quando é costume apparecerem certas questões já muito velhas, mas que surgem n'um dado momento como se fossem novas, provocando grande admiração no publico e varias portarias na folha official, com que todos ficam satisfeitos para continuar a soneca.

Agora por exemplo veio ao de cima a emigração. Toda a imprensa pelas suas mil tubas tem apregoado as mil traficancias que se estão operando com essa escravatura branca que se chama colonos engajados. Todos os dias se publicam correspondencias das regiões para onde são destinados aquelles colonos, contando a triste realidade que os espera, experimentada pelos que os precederam na emigração; e para cumulo de todos os males aponta-se para grande parte das terras do norte do paiz, ermas de homens validos, que abandonando as suas pequenas lavouras, as suas familias, o seu lar, partem fascinados pela ambição de sonhadas riquezas, que elles não sabem como adquirir, mas que isso os não impede de se deixarem embaiar com promessas, que só a sua ignorancia lhes permitte acreditar.

Tudo isto que de tempos a tempos vem encher as columnas dos jornaes, e incitar as accusações contra os governos, é, infelizmente, um mal muito velho, que está minando a nação, enfraquecendo as suas forças vivas do trabalho, e ao passo que se abrem estradas de ferro e transportes accelerados em todo o paiz, essas communicações rapidas só servem para mais rapida e facilmente conduzirem os seus habitantes para a emigração, porque productos agricolas, ou outros, cada vez tem menos que transportar pela simples razão de não haver quem os fabrique.

Crêmos que remediar este mal, nos deve interessar muito mais do que saber se o governo perderá ou ganhará as futuras eleições; se os galopins progressistas do Porto, deram sôcos nos galopins regeneradores, porque tudo isso não passa de comedias para rir; mas quando a emigração cada vez mais crescente exige remedio mais energico, os governos repetem portarias, recommendando a fiel observancia das leis que respeitam á emigração.

Ora estas portarias são de bom sabor, porque ou implicam uma censura ás auctoridades que tem de cumprir a lei e a não cumprem, ou provam que essa lei não satisfaz á questão, porque cumprindo-se não evita ou cohibe a emigração.

De tudo deve haver um pouco, porque afinal o cumprimento das leis não é o nosso forte, mas parece-nos que d'esta vez ainda que as auctoridades desenvolvessem um zelo pouco acorde com os seus habitos, as cousas não marchariam melhor, porque a lei é deficiente, e as causas da emigração não se combatem com ella.

Deem-se garantias á agricultura e mais industrias

nacionaes. Desenvolva-se com profisciencia e sinceridade o ensino primario e industrial, estudem-se as industrias que melhor se possam nacionalisar, pela aptidão dos operarios e pelas materias primas que mais abundem no paiz, olhe-se emfim para o trabalho nacional, porque elle e só elle é a vida e a garantia da nossa independencia, e a emigração cessará, porque não tentará ir buscar fóra o que já lhe não falta no seu paiz.

As portarias poderão dormir socegadas, e as commissões que andam a estudar as causas da emigração e os meios a oppor-lhe, não terão o trabalho de todos os mezes irem receber as respectivas gratificações.

Alongam-n'os demasiadamente n'esta questão, porque em fim ella é de tal monta que merece um pouco da nossa seriedade, muito mais do que uma outra questão que anda latente: a da representação official de Portugal, na exposição de Paris.

E não se diga que d'esta vez perdeu com a demora. Não senhor. A representação faz-se como nunca se fez, attento o estado-maior que já se acha nomeado para ella. Verdade, verdade que as coisas urgem, e portanto é necessario suprir em braços e em cabeças o que falta em tempo; e assim temos que, alem dos delegados da Associação Industrial Portugueza e da Associação de Agricultura, encarregados de organisarem a exposição, ha delegados e commissario do governo com acolythos, fóra o mais que ainda apparecerá, de que nos surge uma duvida no nosso espirito, se iremos ali apresentar os productos da nossa industria se os productos da nossa raça.

Se a nossa industria val tão pouco, que um ministro diz em pleno parlamento que nada tinhamos a lucrar com as grandes exposições estrangeiras, que de resto só aproveitavam aos commissarios do governo, custa-nos a crêr que seja precisa tanta gente para cuidar da representação d'essa pobre industria, e ainda mais nos custa a crer que o commissario agora nomeado pelo governo seja o proprio ministro que fez aquella declaração!

Tableau.

Pois é um facto, de que bem se póde dizer: *d'esta agua não beberei, d'esta exposição não comerei.*

E agora caro leitor se quereis saber ainda do melhor, sempre vos quero dizer que a nossa exposição em Paris parece que vae ser feita com os muzeus nacionaes, o que não deixa de ser uma gloria para a nossa industria actual e um perigo para esses muzeus.

E se não digam-nos que bellas collecções geologicas, mineralogicas, anthropologicas, coloniaes, etc., não deverá escolher Bordallo Pinheiro n'esses muzeus, para irem para Paris?

E emquanto o eminente artista andar todo preoccupado a escolher fosseis e silex, o sr. Estacio da Veiga, o sr. Delgado e outros vão desenhar os *Pontos nos ii* e modelar a loiça das Caldas.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Camillo Castello Branco.—Fez no dia 16 do corrente 63 annos de idade o grande escriptor portuguez Camillo Castello Branco, a mais robusta personalidade da nossa litteratura contemporanea.

No nosso pequeno mundo litterario e artistico esse dia foi um verdadeiro dia de gala; e a despeito das amarguras da doença que tem quebrantado nos ultimos tempos o corpo e o espirito do nosso primeiro prosador, esse dia deve ter-lhe sido de allivio e consolação pela unanimidade das manifestações de respeito e veneração que correram a render-lhe á casa da sua habitação amigos e admiradores de todas as classes sociaes, especialmente das letras e artes.

O *Imparcial*, jornal do sr. Thomaz Ribeiro, velho amigo do illustre romancista, publicou um numero especial, em honra do mestre, collaborado por representantes de toda a imprensa da capital.

A mocidade, sempre generosamente enthusiasta, apresentou as suas homenagens de felicitação, representada por deputações do Lyceu e das escolas superiores, destacando se entre estas a Escola de Bellas Artes que acompanhou a sua de uma bonita corôa de louros e flores de urze.

E por iniciativa do illustre paisagista Silva Porto e dos seus amigos Monteiro Ramalho e João Sincero, foi tambem offerecida a Camillo Castello Branco uma mensagem de felicitação assignada por 50 nomes de escriptores e artistas, acompanhada de uma grande e formosa corôa de louros e flores naturaes.

O MARECHAL DE CAMPO
JOSÉ DE FREITAS TEIXEIRA SPINOLA DE CASTELBRANCO

Fallecido em 7 de fevereiro de 1889

(Segundo uma photographia)

A mensagem, cuja redacção pertence ao nosso distincto collaborador, o sr. Monteiro Ramalho, dizia singelamente:

Alguns trabalhadores, a quem os livros de Camillo Castello Branco tem servido de estimulo e de consolação, saudam hoje o Mestre, o grande artista da litteratura portugueza.

A corôa foi toda tecida pelo sr. João Sincero, bem conhecido pelos seus trabalhos de critica e enthusiasmo pelas coisas d'arte. E a mensagem foi escripta pelo punho do nosso primeiro poeta, o grande lyrico e gloria da nossa patria, João de Deus, que iniciou a lista das assignaturas, dando a esta manifestação o maiś alto valor que ella poderia ter.

Á sua assignatura seguiam-se as de uma grande parte dos nossos primeiros talentos, como:

Silva Pinto, Emygdio Navarro, Barbosa Colen, Abel Acacio, Alberto Braga, M. da Silva Gayo, Silva Lisboa, Marcellino de Mesquita, Dantas Baracho, Joaquim Tello, Antonio Ennes, José d'Alpoim, Anselmo d'Andrade, Alfredo Brandão, J. T. da Silva Bastos, Carlos Lobo d'Avila, Bernardo Pindella, Magalhães Lima, Gualdino Gomes, Fernando Leal, Narciso de Lacerda, João Chagas, Simões d'Almeida, Alberto Nunes, J. M. Rato Junor, José Malhôa, João Vaz, Adolpho e D. Josepha Greno, Columbano, Rafael e M Gustavo Bordallo Pinheiro, Julião Machado, Carlos Reis, Antonio Ramalho, Francisco Villaça, Alfredo Keil, Silva Porto, João Sincero, Monteiro Ramalho, etc.

Corôa e mensagem foram entregues pelo sr. Abel Acacio, amigo pessoal de Camillo, sendo acompanhado pelo grupo iniciador d'esta manifestação tão sympathica pela sua importancia e despretenção: e foi a esposa do grande escriptor, a sr.ª Viscondessa de Correia Botelho quem os recebeu, assim como as mais deputações e visitantes, em virtude do estado de saude ainda melindroso do illustre enfermo.

Fazemos sinceros votos para que a sciencia consiga debelar os males que o affligem; e confiamos que brevemente o grande Mestre voltará a vida das lettras, para continuação da sua gloriosa carreira e maior brilho e lustre das lettras patrias.

Exposição. — A direcção da Caixa Economica Operaria, estabelecida em Lisboa, na rua da Infancia, á Graça, resolveu realisar no proximo mez de maio, uma exposição de productos da industria dos seus associados e ainda dos estranhos á associação, mas que sejam de producção nacional.

Esta exposição, inaugurada no proprio edificio da sociedade, durará dois mezes e a sua entrada será gratuita.

Uma commissão executiva encaregada de organisar a exposição, dará o seu parecer sobre os productos que mais interesse despertarem no publico, e proporá os expositores que devem ser premiados com mensões honrosas.

É muito louvavel esta iniciativa.

Retrato de D. João vi. O sr. conde de Burnay comprou em Paris um quadro pintado por Peligrini, representando o retrato de El-Rei D. João VI. Este quadro tem a data de 1850.

Mina de Petroleo.—Descubriu-se em Aveiro um filão de petroleo em umas escavações que se estavam fazendo para abrir um poço. Parece que deve ser abundante a mina. Olhem os inglezes não lhe deitem a mão.

Minas de Ouro—Foi publicado pelos engenheiros inglezes srs. John Stuart e Henry Gronwood um folheto noticiando a existencia de riquissimas minas de ouro, em territorios portuguezes ao sul do Zambeze, em Manica e no Gurongoso. N'esse folheto faz-se apelo aos capitaes que queiram concorrer á exploração d'estes preciosos thesouros auriferos.

Sevres. — Deve vender-se em Londres um magnifico serviço de mesa, de *Sevres* pertencente a lord Oxenbridge, avaliado em 45:000$000 réis.

Este serviço é o imediato em belleza e valor ao que pertence á casa imperial da Russia, e ao serviço de sobre-mesa da casa Real de Inglaterra e que está avaliado em 225:000$000 réis. Foi feito para Luiz XVI e depois adquerido por Jorge IV de Inglaterra. É em fundo azul com dourados de Legnay e medalhões de Dodin.

PUBLICAÇÕES

Catalogo Illustrado *da fabrica de ornatos de igrejas creada em 1804* L. Biharce, Bayonne, França. Esta casa fornecedora de S. M. O Rei de Hespanha e de muitos prelados, apresenta no seu catalogo grande variedade de alfaias religiosas de muito bom gosto, e offerece grandes vantagens nos seus fornecimentos.

Adolpho, Modesto & C.ª—impressores